

Sarney oscila entre Luiz XIV e Zorba

Os filósofos dos botequins cariocas andam dizendo por aqui que o nosso hipocondríaco presidente Sarney pensa que é Luiz XIV, mas não passa de um Zorba, ou seja, anda imaginando construir Versailles e outras obras faraônicas, à custa de sangrar o erário, mas vai mesmo é produzir um majestoso desastre, como o grego interpretado por Anthony Quinn no filme inesquecível sobre o endeusamento da irresponsabilidade.

De fato, podemos ficar nas arquibancadas, e em breve assistiremos ao maior desastre político e econômico de todos os tempos, neste alucinado país onde uma burocracia corrupta deu as mãos a um certo tipo de "empresariado", cuja única atividade é o lobby em Brasília. Jamais tantos foram engabelados por tão poucos. E ninguém reage. Há uma pasmação geral que inibe e imobiliza os brasileiros em todos os escalões. Parece uma febre, uma gripe espanhola, uma maldição bíblica, como a das pragas do Egito ou a peste negra na Europa. Nenhum plano econômico se delineia, nem há qualquer grupo, em qualquer área do governo, interessado em projetá-lo. Reina o caos absoluto. A terra está sem forma e vazia, há trevas sobre a face do abismo e nem o espírito de Deus admite pairar, como no Gênesis, sobre as nossas águas encapeladas. Não há luz nem firmamento. Estamos, literalmente, no fundo brejo cósmico e histórico.

Recente matéria no *Wall Street Journal* vaticinou dias amargos para o nosso país acéfalo e minado por desordeiros da radicália. Até os argentinos se preocupam com o nosso futuro imediato. Mesmo os bolivianos, naquela desordem atávica, conseguiram reduzir sua inflação. Só nós, exclusivamente nós, conseguimos continuar nessa política do avestruz, enterrando a cabeça na areia para não ver a desgraça que se avizinha. Que país será este? Um ajuntamento de oligofrênicos ou uma colônia de piratas do Caribe, onde a lei é imposta segundo a espada do último bucaneiro chegado ao porto? Os mais cínicos afirmam que o Planalto não governa, mas tem empregos para corromper adversários e deixar tudo ficar como está, para ver como fica (forma getuliana que deu certo nos anos 40 e 50, quando o mundo era outro e as reivindicações do povo nem sequer se expressavam de modo definido). Até quando resistiremos a essa pilhagem?

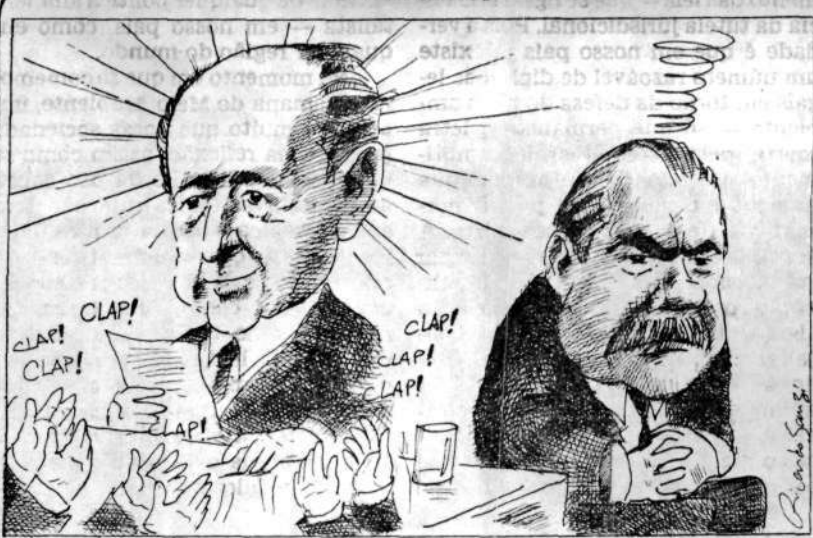
Discute-se, nos grandes centros financeiros e políticos do mundo civilizado, se o Brasil terá, em breve, um Ortega ou um aiatólá católico progressista. Neste caso, o aiatólá seria, quem sabe, dom Evaristo Arns de turbante, ou o próprio dom Hélder, de manto negro e rosário na mão, revivendo a imagem fanática do padre Cícero de Juazeiro. O Ortega brasileiro surgiria no caso de um golpe militar engendrado pela oficialidade

jovem, já manipulada por ideólogos marxistas infiltrados nas escolas e colégios militares.

Os jornais europeus comentam o fato de que os políticos brasileiros carreados a constituintes têm, na sua maioria, um santo horror à economia de mercado e lutam, com afincado, para manter nosso país ligado ao Terceiro Mundo. Parece que nosso Congresso, quando se trata de mordomias, só pensa em luxo e grandeza, mas na hora de decidir-se politicamente, insiste em querer atrelar o País à terceira classe, para melhor explorar o povo ignorante e fanatizável. Que estadista nos livrará, um dia, desse vicioso círculo demagógico? O Brasil tem na sua história uma seqüência bem triste de perda de oportunidades. Tínhamos aqui uma monarquia constitucional, organizada, democrática, parlamentarista, capaz de nos colocar entre as nações mais civilizadas do mundo, no fim do século passado. Por causa de meia dúzia de "ideólogos" contistas, fomos cair no positivismo autoritário e já completamente superado dos srs. Deodoro e Floriano (que nem sabiam o que era essa história de positivismo, como a maioria dos nossos estadistas de hoje não sabem "xongas" a respeito de socialismo e outros besteróis assemelhados). Desde a Proclamação da República, assim, temos sido apenas mais uma republiqueta no Cone Sul. Nossos "marechais de ferro" a invejar Lopez e outros tiranos cá de baixo — e foi por isso também que perdemos o ciclo do carvão, do aço, do petróleo e vamos agora, de novo, por demagogia e interesse de meia dúzia de bebericadores de poire (cuidado com as vísceras, dr. Ulysses!), perder o ciclo da informática. Tem sido assim e continuará a ser assim, enquanto não desenvolvermos, nestes tristes trópicos uma nova consciência nacional, uma ética baseada nos verdadeiros ensinamentos cristãos, tanto no país real como no legal, com escala de valores e padrões bem definidos.

Em Paris, pesquisas recentes revelaram que a Sorbonne tem alugado muitas das suas salas vazias para encontros de literatos, ou pseudoliteratos, geralmente de "esquerda", oriundos de países obscuros que querem ter a veleidade de fazer conferências na *Ville Lumière*. A Sorbonne aluga tais salas em termos meramente imobiliários, ou seja, o corpo docente e a direção da universidade em nada participam do que ali acontece. Mas o locatário sempre poderá dizer em seu país de origem que preferiu uma conferência na Sorbonne, ou seja, no espaço onde está a Sorbonne. Chama um fotógrafo lambe-lambe (dos que abundam em Paris), arranja um grupelho de "clochards" (que também sempre os há, às centenas, na capital francesa) e eis a notícia pronta para ser enviada à tribo embasbacada. É uma pequena e inofensiva impostura que, como muitas outras, tem dado certo. (N.M.)

Tribuna



Aos coadjuvantes, nada

O presidente José Sarney não gostou da forma como o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, o "atropelou" logo após a reunião ministerial da semana passada. É que, mesmo tendo o presidente gasto meia hora num discurso em que apresentava os princípios básicos da reforma econômica, foi Bresser quem acabou ganhando as primeiras páginas

dos jornais no dia seguinte, por ter anunciado o aumento dos impostos e admitindo a possibilidade de tabelamento dos lucros dos bancos. Informalmente, assessores do presidente pretendem dar um "puxão de orelhas" no ministro e esclarecer, de uma vez por todas, que quem anuncia medidas é o "chefe".

Maluf, preso no avião

Devido a uma pequena "falha técnica", o ex-deputado Paulo Maluf e mais cem passageiros de um avião procedente da Europa tiveram de ficar duas horas dentro do aparelho, estacionado no aeroporto de Viracopos, em Campinas. É que, causa da neblina que antecedeu a chegada em São Paulo, os aviões não puderam descer em Cumbica e foram desviados para Campinas, provocando um congestionamento na pista. E os passageiros de viagem de Maluf foram obrigados a esperar sua desembarcar, simplesmente porque não havia uma única escada para eles descerem.

Uma estrela em ascensão

As negociações realizadas em Brasília, na tarde e noite de quarta-feira passada, pelo secretário da Segurança, Luiz Antônio Fleury Filho, foram fundamentais para a vitória do governo de São Paulo na questão do gatilho do funcionalismo público estadual. Com livre trânsito no Supremo Tribunal Federal, Fleury foi mandado pelo governador Orestes Quéricia para reforçar a representação por inconstitucionalidade. A jogada deu certo. O STF alegou a ocorrência de prejuízos irreparáveis e irreversíveis aos cofres públicos de São Paulo e suspendeu os efeitos de sete leis complementares que estabelecem o pagamento do gatilho.